

## ■ POLÍTICA

# Dois estilos disputam a presidência do Senado

Antonio Carlos Magalhães joga no ataque e Jader Barbalho prefere os bastidores, para conquistar o maior posto do Legislativo

João Domingos  
de Brasília

A sucessão na presidência do Senado transformou-se em um jogo político altamente refinado, em que os dois principais jogadores — o presidente do Congresso, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e o presidente do PMDB e líder do partido no Senado, Jader Barbalho (PA) — ficam à espreita do menor erro do outro, para avançar suas pedras nos mínimos espaços abertos.

Os dois têm estilos bem diferentes. Antonio Carlos é altamente agressivo e joga sempre no ataque; Jader, pelo contrário, costuma ficar na retranca, trabalhando mais nos bastidores. Ele prepa-



Jader Barbalho

ragora uma jogada que poderá significar um grande avanço sobre Antonio Carlos. Pretende negociar diretamente com o presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen, o rateio das presidências das duas casas. Pelo seu plano e pela praxe que vem sendo obedecida nos últimos anos, o PMDB ficaria com o Senado e o PFL, com Câmara.

Se tiver êxito nessa jogada, Jader Barbalho conseguirá pôr seu grande adversário num círculo, pelo menos nesse momento, porque Antonio Carlos não terá o que fazer. Além do mais, ficará de fora das negociações, que serão assumidas pelo próprio presidente do PFL, in-

teressado em preservar a Câmara dos Deputados para o partido, já que o Senado é considerado perdido. E para o PMDB.

No ataque, e com a ajuda da governadora do Maranhão, Roseana Sarney (PFL), Antonio Carlos conseguiu convencer José Sarney (PMDB-AP) a fazer sondagens a senadores de diversos partidos, para constatar se sua candidatura teria boa acolhida. Logo depois de um al-

moço com Antonio Carlos, na segunda-feira, Sarney foi à luta. Depois, viajou para São Paulo.

Acontece que as investidas de Sarney têm encontrado problemas. No PMDB, à exceção de um ou dois senadores — um deles é Gilvan Borges, do Amapá —, os outros estão todos ao lado de Jader. E, quando Sarney os procura, imediatamente contam para o presidente do PMDB o que vem ocorrendo. Nesse

momento, Jader está preparando um contra-ataque à manobra que coloca o ex-presidente no seu caminho. Vai procurar Bornhausen, ao mesmo tempo que mandará um emissário dizer a Sarney que se insistir na candidatura à presidência do Senado, poderá implodir o PMDB.

O certo é que Jader Barbalho tem os votos de pelo menos 23 dos 27 senadores do PMDB. Se Sarney insistir em levar a disputa para dentro

do partido, vai perder por larga margem de votos. Sua esperança seria levar o confronto para o plenário do Senado. Mas, para isso, teria de contar com os votos garantidos de todo o bloco de esquerda, que tem dez senadores, mais o PSDB, alguns dissidentes no PMDB, o PFL inteiro e algumas adesões pingadas de partidos menores como o PPB e o PTB.

Senadores ligados a Sarney não acreditam que ele entrará nesse tipo de disputa. Não é de seu perfil político uma guerra tão aberta. O senador prefere muito mais que o cargo lhe caia no colo, como aconteceu com a Presidência da República. Alguns, porém, lembram que, se provocado até não ter mais jeito, o maranhense Sarney reagirá.

Como aconteceu em 1984, quando foi armado de revólver para uma reunião do PDS destinada a encontrar a fórmula da escolha do candidato do governo para a Presidência da República, no colégio eleitoral de 1985. O caso agora não é nem um pouco parecido com o de 16 anos atrás. Sarney tem boas ligações com Antonio Carlos, mas também é amigo de Jader Barbalho, além de pertencer ao mesmo partido do senador paraense. Os dois senadores que hoje disputam a hegemonia no Senado foram seus ministros, quando exerceu a Presidência da República.

De uma coisa todos têm certeza: apesar de dizer que não é senador e que não tem nada a ver com o que acontece nos bastidores do Senado, o presidente Fernando Henrique terá influência na escolha do novo presidente da Casa. Não há registro histórico em que o ocupante do Palácio do Planalto não tenha agido na escolha do presidente do Senado, por mais discreto que tenha sido. O primeiro sinal de que Fernando Henrique vai participar ocorreu na Alemanha, quando orientou sua assessoria a vazar a informação de que poderia dar apoio a Jader Barbalho. Foi um recado para um único destinatário: o atual presidente do Congresso, Antonio Carlos.